

A VOZ FEMININA NA CANTORIA DE REPENTE: ASPECTOS SEMIÓTICOS

FEMININE VOIX DANS LA CANTORIA DE REPENTE: ASPECTS SÉMIOTIQUES

Thiago da Silva Almeida
Universidade Federal da Paraíba – UFPB
thiago04_rhcp@hotmail.com

Maria de Fátima Barbosa de Mesquita Batista
Universidade Federal da Paraíba – UFPB/PPGLL
mariadefatimabatista@gmail.com

RESUMO — Esse trabalho objetiva analisar os processos ideológicos subjacentes aos discursos da cantoria de repente, produzida por mulheres repentistas, a partir do olhar que elas projetam sobre a sociedade e sobre sua condição. O *corpus* de pesquisa constou da cantoria *O Brasil do Futuro* de autoria das cantadoras pernambucanas Minervina Ferreira e Mocinha de Passira, extraídas do álbum *Mulheres no Repente*, publicado em 1999. O aparato teórico utilizado foi a Semiótica desenvolvida por A. J. Greimas, que se debruça no estudo da significação, compreendida como um percurso constituído de três níveis de estudo: o narrativo, o discursivo e o fundamental. Como o universo da cantoria de viola foi sempre constituído de homens, considerados até então como portadores do saber, a presença feminina no desafio repentista representa uma resistência a este paradigma. Neste cenário, observa-se que a mulher é vítima de exclusão em diversas esferas sociais, principalmente nos setores de profissionalização e, por esta razão, a cantoria produzida e executada por ela reflete a busca por espaços igualitários, além de representar um veículo de produção e expressão discursiva, capaz de cantar o resgate de sua identidade e reconhecimento do seu papel social.

Palavras-chave: Semiótica greimasiana, Ideologia, Cultura popular, Cantoria de repente.

RÉSUMÉ — Ce travail obective analyser l'appareil logique de l'idéologie sousjacente à les discours de les cantorias produites par femmes repentistes, à partir de le regard que'elles jettent sous la société et leur condition. Le *corpus* de recherche est constitué d'une chanson intitulée *O Brasil do Futuro* (Le Brésil du future) de signature de Minervina Ferreira e Mocinha de Passira, extraite de l'album *Mulheres no Repente*, enregistrée en 1999. La théorie utilisée a été la Sémiotique développée par A. J. Greimas, parce que leurs postulés aborde la signification dans le discours, considérée comme un parcours constitué de trois niveaux d'étude: narratif, discursif et fundamental. Comme l'univers de la cantoria de viola a toujours été composée d'hommes, jusque-là considérés comme porteurs de la connaissance, la présence féminine dans le défi repentista représente une rupture de ce paradigme. Dans ce scénario, on constate que les femmes sont victimes d'exclusion dans les différentes sphères sociales, en particulier dans les secteurs professionnels et, par conséquent, la cantoria produit et interprété par elles reflète la recherche d'espaces égalitaires, en plus de représenter un véhicule de production et l'expression discursive, capable de chanter la rédemption de leur identité et la reconnaissance de son rôle social.

Mots-Clé: Sémiotique greimasienne, Idéologie, Culture, populaire, Cantoria de repente.

Análise semiótica da cantoria.

A cantoria intitulada *O Brasil do Futuro*, de autoria das repentistas Minervina Ferreira e Mocinha de Passira, é composta de onze estrofes cantadas na modalidade *sextilha*. No início, as repentistas descrevem um cenário bastante inóspito para o cidadão e, em seguida, expressam os anseios de uma pátria marcada por diversos problemas

sociais. As poetisas funcionam como a representação de todo um povo marcado pela falta de esperança no país.

O sujeito semiótico da cantoria é *a pátria brasileira*, figurativizada não somente pelo pobre, trabalhador ou desempregado, mas pela região Nordeste, pela natureza. S1 tem como objetos de valor a segurança, a saúde, a educação, o meio-ambiente sustentável, o trabalho. Destinado pelas suas próprias necessidades, ao S1 é atribuída a competência modal do /querer- ser/, modalidade classificada como *virtualizante*, pois o sujeito se encontra em estado disjunto dos objetos pretendidos. São valores que ainda não foram alcançados em sua totalidade e espera-se que sejam adquiridos com a virada do século, como indicam as repentistas:

Nós estamos em apuros
Sem a menor segurança
Falta paz em cada espírito
Sorriso em cada criança
Na luz do século vindouro
Está a nossa esperança

No julgamento de S1, o “século vindouro” é, ao nível sintático-narrativo, tratado como o agente positivo responsável para auxiliar na conjunção com os objetos almeçados, portanto exerce a função de adjuvante, sendo a ele atribuída a modalidade complexa do /poder-fazer/. Enquanto auxiliar negativo, ou um possível oponente, que não traz qualquer benefício a S1, encontra-se o próprio tempo presente ou, pragmaticamente, o século XX, marcado por vários fatores negativos, como mortalidade, desunião, poluição. Por esse motivo é que a realização, para o sujeito, apenas ocorrerá em outro tempo, já que o presente, modalizado segundo um /não- poder-fazer/ se configura como um empecilho para S1. Como é sabido, não houve transformação alguma, portanto não houve qualquer sanção no nível pragmático, permanecendo um sentimento de insatisfação firmado pela não obtenção dos objetos almeçados. Este sentimento constitui, para o S1, uma sanção no nível cognitivo.

Adentrando-se ao nível discursivo, são articulados um enunciador, materializado na voz das repentistas e um enunciatário, o possível ouvinte ou público projetado na mente do enunciador. Apoiado em dados vindos de sua experiência, o enunciador sustenta que o país não passa por um bom momento e elenca os diversos valores almeçados por uma sociedade, como educação, saúde, segurança pública e emprego, considerados, pelo discurso político, os bens essenciais para qualquer nação alcançar

um grau considerável de desenvolvimento.

A princípio, o enunciador faz acreditar que a população inteira sofre pelas carências nos setores públicos, não por acaso se verifica a presença da primeira pessoa do plural *nós* e o pronome possessivo *nosso*. Ambos situam o sujeito em relação à coletividade:

Nós vivemos o perfil

De um quadro bastante escuro

Com desarmonia interna

Deixando o povo inseguro

Não queremos que esse quadro

Aconteça no futuro

Nós estamos em apuros

Sem a menor segurança

Falta paz em cada espírito

Sorriso em cada criança

Na luz do século vindouro

Está a noossa esperança

Estas marcas iniciais disseminadas pelo enunciador são capazes de criar a ilusão de uma verdade que está generalizada. No entanto, esta abrangência que a cantoria parece sustentar cede espaço à seletividade ou à particularização, desfazendo a impressão de que as necessidades da nação abrangeriam todas as classes. Compare-se aos seguintes versos, a fim de constatar que a ideia de pluralidade se refere a apenas uma classe, à pobre:

Que o pobre seja educado

Desde da primeira idade

Toda escola pública tenha

Uma boa qualidade

Preparando noossos filhos

Pra nova sociedade

Que a privatização

Nos ajude a cada dia

Toda residência tenha

Telefone e energia

Para o pobre ter direito

A sua cidadania

O que de fato ocorre é a inclinação do enunciador por uma classe social: os mais desfavorecidos, pois são os mais injuriados devido à carência na assistência hospitalar, o desemprego, a ausência de bens como o telefone, entre outros.

Neste contexto, o sujeito da enunciação desempenha um papel que vai além de simples emissor: ele é o denunciador dos acontecimentos e inclui-se entre aqueles que estão sendo prejudicados. O discurso por ele proferido constitui-se de uma mescla entre primeira e terceira pessoas, fazendo com que o próprio enunciador se projete no interior de seu próprio discurso.

Por essa razão, ele é um dos milhares de células que compõem a formação orgânica da pátria, um indivíduo que também sofre com a falta de conduta dos demais membros. Com base nisso, infere-se que os problemas da nação não estão associados, especificamente, ao descaso de governantes – como se habitua a atribuir –, mas a um problema de conduta, em que a principal figura responsável pelos problemas do país é o próprio cidadão.

Analisando a estrofe abaixo, o verso *Finde o crime e o terror* estabelece rima com o fim da estrofe arrematada com *Vendo nascer o amor*. O efeito alcançado é o movimento antitético produzido pelos lexemas *terror* e *amor*. Se relacionados ao tempo, os dois vocábulos representam a trajetória de transformação da realidade com início no passado (terror) e término no futuro (amor).

Esperamos que um dia
Finde o crime e o terror
Haja união de classes
Sem preconceito de cor
Pra Jesus Cristo sorrir
Vendo nascer o amor

O conteúdo do segundo verso é ambíguo no sentido de que existe a possibilidade de abordar a violência psicológica ou moral advindas da divisão de classes e do racismo, como também dos crimes praticados contra o cidadão. Além disso, o sujeito, embora prefira a classe pobre como público de suas preocupações, menciona o desejo de “união entre as classes”. Estes versos estampam dois problemas de grande discussão na sociedade: as dissonâncias entre as classes e o racismo. O enunciador acredita que o preconceito de cor possui alguma relação com a desunião entre as classes. Disto resultam pelo menos duas possibilidades de leitura:

- 1) O conflito base se estabelece entre ricos x pobres e negros x brancos.
- 2) Não existe uma relação biunívoca entre ser rico e branco ou ser pobre e negro. O preconceito existe entre negros e brancos, sejam eles ricos ou pobres.

Bandeira & Soria Batista (2002) lembram que, na Antiguidade, da mesma forma que havia a separação entre judeus e estrangeiros, gregos e bárbaros, a nossa sociedade espelha estas formas primitivas de estratificação, dividindo-se em brancos e negros, ricos e pobres, homens e mulheres. Esta divisão caminha em direção ao estabelecimento de rótulos, de estereotipagens irracionais, promovendo certo tipo de competitividade relacionada a tensões do tipo: forte x fraco, capacitado x incapacitado, entre outras tensões que alicerçam o par superioridade x inferioridade.

O sujeito, na ambição de ter seus valores realizados, centraliza suas atenções em apenas uma possibilidade, a vinda do século, como a única forma de transformar a realidade do país. Disso, resulta uma característica desta cantoria: não há apelo às autoridades políticas e nem as

penaliza pelo quadro obscuro pelo qual passa o Brasil. Um exemplo do desconhecimento político é analisado a seguir, a partir da seguinte estrofe:

Que a privatização
Nos ajude a cada dia
Toda residência tenha
Telefone e energia
Para o pobre ter direito
A sua cidadania

Segundo o Dicionário Digital Caldas Aulete, privatizar é “pôr (empresa ou serviço público) sob controle ou posse do setor privado”. Esta concisa definição é suficiente para mostrar a ingenuidade do pensamento do sujeito, porque, ao tornar privado um serviço ou empresa pública, o acesso é reduzido e suas condições sofrem exigências de ordem financeira, isto é, o serviço prestado será encarecido e o cidadão de baixa renda é quem sofrerá com mais uma despesa em seu salário. A privatização atinge vários setores da economia como transportes, telecomunicações, eletricidade etc. Inclusive, o discurso do enunciador traz marcas de dois destes setores: telefone e energia. Com relação ao primeiro, a década em que a cantoria foi produzida, telefone fixo era restrito a empresas e a pessoas de alta renda, enquanto o pobre — principal referência na cantoria — era desprovido de condições para obtê-lo.

Comparando a postura do enunciador durante o discurso religioso e o político, percebe-se que, no primeiro, ele ocupa uma posição ativa ou coercitiva, pois já incorpora essa ideologia em seu discurso e tenta impô-la; enquanto no segundo, assume uma posição passiva, aceitando a ideologia de uma ação política que não visa, primeiramente, o cidadão, mas ao sistema capitalista.

No que se refere à análise temporal da cantoria, um primeiro aspecto deve ser observado: ela traz o sentimento da coletividade de uma época onde se vivia a expectativa da passagem do século XX ao XXI. No entanto, em 1999 (ano de produção da cantoria), houve uma ligeira confusão ao imaginar que o ano 2000 correspondia a um novo século, fato que somente ocorreria no ano seguinte. Essa visão da época é reiterada através da voz das repentistas visualizáveis nos seguintes desfechos:

Espero que tudo mude
Depois do ano dois mil

Na luz do século vindouro
Está a nossa esperança

Os versos acima constituem um exemplo de como se apresentam os verbos na cantoria: predomina o tempo presente e o modo subjuntivo. Os enunciados produzidos pelo enunciador coincidem com o tempo da enunciação, o que semioticamente configura-se como debreagem

temporal enunciativa. A sincronia entre o tempo da enunciação e o do enunciado engendra o traço semântico /simultaneidade/. A partir deste traço, instaura-se o objeto de todo o discurso do sujeito: a realização de valores em tempo futuro, atribuído pelo traço semântico /posterioridade/.

Inicialmente, o tempo da cantoria é o presente do indicativo. Há uma funcionalidade subjacente ao seu emprego quando contrastado com o restante da cantoria: a de apresentar suscintamente o quadro atual por que passa o país:

O que vem acontecendo	Nós vivemos o perfil
Nesse querido Brasil	De um quadro bastante escuro
É violência no campo	Com desarmonia interna
Mortalidade infantil	Deixando o povo inseguro
Espero que tudo mude	Não queremos que esse quadro
Depois do ano dois mil	Aconteça no futuro

O presente do indicativo introduz a situação real do Brasil, concatenando argumentos disfóricos: violência no campo, mortalidade infantil, desarmonia interna, povo inseguro. Neste cenário, pode-se falar da realidade objetiva vivida pelo sujeito, mas suas pretensões são construídas em realidade outra, porém de forma subjetiva. Por essa razão, a cantoria sofre uma mudança em relação ao modo verbal: predomina o modo subjuntivo e, embora o tempo continue sendo o presente, o efeito é obter o desejo de presentificação do futuro:

O QUE É DITO	O QUE QUER DIZER
Que não falte pra criança	Não faltará para a criança assistência hospitalar
Assistência hospitalar	
Que o campo, o rio e o mar	O campo, o rio e o mar não serão mais poluídos Não
sejam mais poluídos	
Que se irrigue a metade	Será irrigada a metade dos sertões dos nove Estados
Dos sertões dos nove Estados	
Esperamos que um dia	Um dia serão findados o crime e o terror Finde o crime
Finde o crime e o terror	

Conclui-se que, de fato, o desejo se apresenta, mas trata-se de anseios com vinculações no futuro. Há uma diferença entre aquilo que é dito e aquilo que o enunciador de fato quer dizer.

Sobre este aspecto, Rastier (2015, p. 490) antecipa que “as línguas permitem, por outro lado, falar dos ausentes e constituir entidades que povoam a zona distal, situadas em outros lugares, outros tempos e outros modos”.

No que concerne à análise espacial, o enunciador é alguém que transita por diversos espaços. Estes são escolhidos em função da necessidade. Elencam-se os espaços projetados pelo enunciador caracterizado pelo sujeito:

Brasil, campo, rio, mar, florestas, escola, região Nordeste, Sertão, residência.



Século XXI

O *século XXI* configura-se, em um só momento, como o tempo e o espaço de realizações. Neste sentido, o esquema acima mostra que os espaços são projeções feitas pelo enunciador sobre um único lugar: o Brasil do futuro. O novo século apresenta-se com dois modos de representação: o lugar do improvável, um espaço psicológico que apenas adquire concretude no imaginário do sujeito e a instância onde se idealizam outros espaços. Para exemplificar, perceba-se como a estrutura do modo subjuntivo contribui, de certa forma, para criar a ilusão existencial dos espaços em relação à posterioridade.

Que o campo, o rio e o mar / Não sejam mais poluídos.
(que) As florestas (sejam) respeitadas
Toda escola pública tenha / Uma boa qualidade
Que se irrigue a metade / Dos sertões dos nove Estados
Pra os problemas do Nordeste / Serem solucionados
Toda residência tenha / Telefone e energia

A abordagem discursiva dos espaços permitiu observar um conflito global estabelecido na cantoria: o século XX é caracterizado pelo sofrimento e o século XXI, pela possibilidade de melhoria.

O espaço *campo*, geralmente reconhecido como um lugar onde se respira ares de tranquilidade, caracterizado pelo sujeito como um lugar manchado pela violência. Uma causa antiga para esse ambiente conturbado está relacionada com questão agrária e as disputas de terra, muitas delas envolvendo povos indígenas e trabalhadores rurais. Para ilustrar, relembre-se da chacina ocorrida em 1996, no Estado do Pará, quando dezenove trabalhadores rurais foram mortos em um confronto com a polícia, o episódio ficou conhecido como *O massacre de Eldorado dos Carajás*. O exemplo funciona para mostrar um dos modos de representação dessa violência, pois *campo*, aqui, não se limita a apenas o espaço, mas aos atores provenientes desse espaço.

O uso do qualificativo “querido” para se referir ao Brasil nos primeiros versos (O que vem acontecendo / Neste querido Brasil) denota a relação afetiva do sujeito com o lugar. Sendo

objeto de suas preocupações, a pátria aparece como enferma e o único remédio seria uma virada no século.

A cantoria apela para o respeito às florestas e a não poluição do campo, do rio e do mar. Neste caso, configura-se a preocupação com a preservação ambiental. Dos vários problemas que assolam o meio-ambiente, encontra-se o do desmatamento, uma realidade que influencia grandemente nas questões climáticas. A luta diária enfrentada pelos que tentam alguma solução prevê políticas de punição e ações de reflorestamento. Não por acaso, o enunciador arremata sua ideia desejando a reconstrução de espaços outrora destruídos:

Que o campo, rio e o mar
Não sejam mais poluídos
As florestas respeitadas
Os animais protegidos
Lares que foram desfeitos
Venham a ser reconstruídos.

Ao abordar o espaço *escola*, o enunciador deixa pistas de que este ambiente carece de qualidade. Ao mesmo tempo, compreende um lugar de iniciação para o exercício da cidadania e convívio social:

Que o pobre seja educado
Desde a primeira idade
Toda escola pública tenha
Uma boa qualidade
Preparando nossos filhos
Pra nova sociedade.

Diante da exposição do enunciador de conceber a escola como espaço de formação “desde a primeira idade”, verificou-se que não houve a menção da família enquanto instituição responsável pela educação dos filhos. Este fato reflete a discussão em ambientes escolares sobre a necessidade de pais e mães que confiam os filhos às responsabilidades da escola. Quando esta confiança vem seguida de boas justificativas, como o cotidiano integral de trabalho dos pais, o espaço *escola* recebe o estatuto de *proteção*, por representar um lugar que deixa os filhos longe dos perigos do mundo. No entanto, quando não há justificativa coerente, o espaço em questão é sinônimo de “lugar de abandono” e o seu valor simbólico é superior ao valor da família que, aos poucos, se torna espaço secundário, principalmente com a implantação do modelo de escolas em tempo integral.

A análise temática e figurativa da cantoria *O Brasil do futuro* constatou que muitos temas são especificados na tessitura textual e caracterizados por nomes abstratos, enquanto outros são inferidos pela reunião de figuras. Exemplo do primeiro tipo se apresenta nos seguintes versos:

É violência no campo Mortalidade infantil

Dois aspectos permeiam estes versos: o fato de a violência estar ligada ao espaço *campo* constitui indício para demonstrar qual público o enunciador se identifica. Neste caso, mesmo que o tema seja único, restrito, caracteriza-se pela sua dinamicidade, visto que acabou revelando algo sobre o sujeito, ao contrário de *mortalidade infantil*, caracterizado como estático, pois não forneceu indícios a respeito do enunciador, não transmitindo outra ideia a não ser ela mesma, embora é capaz de gerar outro tema:

Que não falte pra criança Assistência hospitalar [...]

A mortalidade infantil e a falta de assistência hospitalar são subtemas de um valor sustentado pelo sujeito: a saúde, que é o tema central abordado nos versos anteriores.

Os versos seguintes apresentam comportamento diferente do tema anterior, porque trata-se da reunião de várias figuras de expressão engendrando um único tema, o meio-ambiente:

Que o campo, o rio e o mar
Não sejam mais poluídos
As florestas respeitadas
Os animais protegidos

Estas figuras expressam o desejo de preservação de um dos maiores patrimônios naturais de que o país dispõe: a biodiversidade. Presencia-se, sobretudo, a preocupação com a preservação dos ecossistemas e, indubitavelmente, o homem é o principal agente pela corrupção do meio ambiente. Ações como o desmatamento, provocando o desequilíbrio entre as espécies animais e a destruição de habitats; a poluição de rios e mares, causando a morte de fontes de alimentos para certas populações ribeirinhas, inclusive entre os próprios animais, são alguns dos exemplos de como o fazer humano é principal responsável pela corrupção do meio em que vive.

O próximo tema é o da *religiosidade*, inferido a partir das seguintes figuras:

Os falsos deuses banidos
O verdadeiro adorado
A igreja seja única
Onde o povo ajoelhado
Comunga da santa hóstia
E beba o vinho sagrado

O discurso engendra algumas questões como: falsos deuses, o verdadeiro adorado, igreja única. O Brasil, apesar de toda sua diversidade cultural, tem maioria cristã e os principais representantes desta religião são divididos basicamente entre católicos e protestantes. Para eles, existe apenas um único ser criador de todas as coisas, alguns o denominam de Javé, outros

simplesmente preferem chamá-lo de Deus. De acordo com essas tendências, as crenças de outras culturas são apenas respeitadas, mas o que elas vivenciam não é considerado verdadeiro, porque cultuam outras divindades. O enunciador estabelece outro conflito quando nomeia “falsos deuses” em contraposição ao verdadeiro deus adorado. Presencia-se a defesa do sistema religioso monoteísta e o modelo único de igreja, que é aquela fundada por Jesus Cristo. No entanto, esta igreja única é reivindicada pelo catolicismo, tanto é que o enunciador se identifica com esta tendência ao utilizar elementos propriamente católicos nesta estrofe, como é o caso da combinação entre a hóstia e o vinho:

Onde o povo ajoelhado
Comunga da santa hóstia
E beba o vinho sagrado

A relação entre a igreja única e a ideia de um apelo à união de classes proposta pelo enunciador está na ideia de que a igreja, sendo católica é também universal, ou seja, todos são iguais, tendo Deus como ser único supremo. Portanto, afirmar as diferenças entre classes seria negar o princípio de igualdade entre os homens neste plano religioso.

A análise dos versos anteriores atenta para o caráter monocultural e uniformizador do discurso religioso sustentado pelo enunciador, visto que sua ideologia desconsidera as diversidades culturais e o modo particular que as sociedades constroem seu mundo. Essa perspectiva tende a considerar sua religião como autossuficiente para o indivíduo que a pratica. Como a opção é estritamente católica, não fica isenta a ideia de uma plenitude cristã, centrado na existência de apenas um único ser, princípio do universo.

O fundamento principal de quem necessita cultuar uma divindade é acreditar naquilo além do alcance da visão, tornando o culto justificado pelo sentir. Esta ideia também se faz presente na crença do enunciador de que o novo século poderá reverter este “quadro escuro” pelo qual passa o país. O sentir é o mediador deste discurso do sujeito:

[...]

Espero que tudo mude

Depois do ano dois mil

[...]

Na luz do século vindouro

Está a nossa esperança

O tema *educação* é gerado através da ideia seguinte:

Que o pobre seja educado
Desde a primeira idade
Toda escola pública tenha

Uma boa qualidade
Preparando nossos filhos
Pra nova sociedade

Como se constata, o pobre está diretamente ligado à escola pública. No entanto, os versos apelam para a questão da qualidade da escola ou, de forma generalizante, da educação. O bem maior pretendido neste discurso é a preparação e formação do indivíduo, valendo-se de estágios relacionados à sua socialização e à sua formação enquanto cidadão.

O enunciador cobra por uma educação de qualidade, mas vários fatores dependem dessa realização. Na verdade, os investimentos deveriam abranger desde as instalações internas da escola até a questão salarial dos profissionais da educação.

Seguindo com a análise temática, percebe-se que, de fato, as escolhas do enunciador revelam suas preferências, como é observado na menção à região Nordeste, única abordada na cantoria, das cinco que possui o país. Por essa razão, se conclui que o enunciador mantém uma relação de proximidade com a mesma. Com base nos versos seguintes, visualiza-se o tema *seca no Nordeste*:

Que se irrigue a metade
Dos sertões dos nove Estados
Pra os problemas do Nordeste
Serem solucionados

Preferiu-se o tema *seca* pela influência do verbo *irrigar*, por evocar a ideia da ausência de chuvas: se se deseja a irrigação no futuro é porque, no presente, não ocorre tal ação. Decorrente disto, surgem os tais “problemas” apontados pelo enunciador. Como a palavra em evidência aparece de forma vaga, imaginam-se várias consequências advindas da escassez de chuvas na região.

Algumas reflexões foram extraídas das ideias de Aziz Nacib Ab’Saber, no *Dossiê Nordeste seco*, de 1999. O autor afirma que “as secas espasmódicas que assolam a região criam discontinuidades forçadas na produção rural e conduzem a um desemprego maciço dos que não têm acesso à terra, relegando-os à condição potencial de retirantes”. O autor enfatiza a insensibilidade do sistema governamental, educacional e midiático em compreender os motivos das irregularidades do clima da região Nordeste.

Nos versos seguintes, segue-se a tematização do *trabalho*:

Que todos desempregados
Encontrem colocação
Apareçam novos meios
De trabalho e produção
E o Brasil se saia bem
Nessa globalização

A preocupação com os desempregados deixa transparecer o *trabalho* como um valor que necessita de atenção especial. Especificamente, os versos enfatizam o desejo de suprir as carências em relação aos novos meios de trabalho e produção.

Nesta estrofe, subjacente ao discurso existe um problema que, até hoje, nunca abandonou o cenário mundial: o de que a globalização tem sido um dos principais responsáveis pelo crescimento do desemprego. O ponto inicial deste problema se localiza a partir do momento em que as novas tecnologias foram substituindo a mão de obra humana.

Lazzareschi (2009) informa que a globalização da economia não é o principal responsável pelo desemprego, pelo trabalho formal e precário, mas trata-se de um fenômeno que intensifica tais problemas, somado à ausência de políticas públicas que possam fomentar a geração de emprego e renda.

De fato, o discurso a favor de um mundo globalizado ludibria o indivíduo a acreditar na equidade da distribuição da riqueza produzida, quando, na verdade, interesses de ordem política e econômica são os fatores mais importantes para o fenômeno.

O enunciador, ao desejar *novos meios de trabalho e produção*, reivindica a criação de novos empregos como solução para o desemprego. No entanto, verifica-se que um dos fatores favoráveis ao aumento da taxa de desemprego foi a significativa intensificação de métodos sofisticados de produção com o surgimento de novas tecnologias, exigindo maior qualificação por parte dos trabalhadores, acarretando em dissonância entre a oferta e a demanda de mão-de-obra.

Do ponto de vista passional, Giddens (2005) discorre que o desemprego promove no sujeito um estado de choque, ao mesmo tempo seguido de um otimismo, mas se este não for valorizado, é normal o indivíduo atingir um estado de depressão e pessimismo em relação a si mesmo, o que pode resultar em um sujeito conformado com a realidade que vive.

Com base no modelo proposto em Batista (2011), o exame dos valores recobertos pelas figuras de expressão permite depreender as seguintes leituras temáticas:

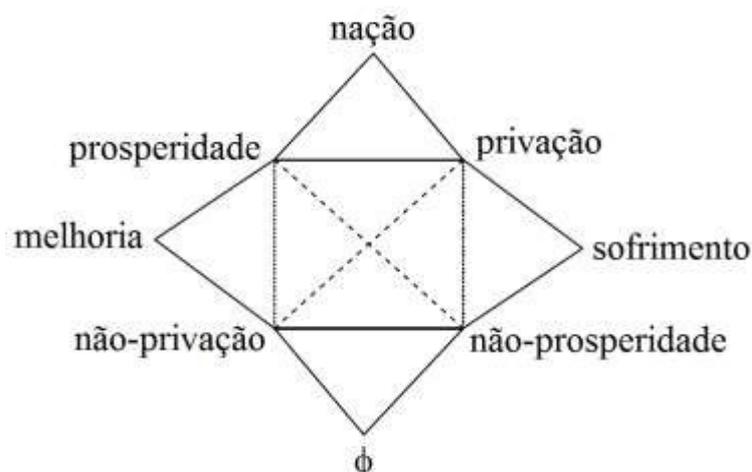
- 1) A saúde é um valor que garante, sobretudo, a vida.
- 2) Uma sociedade sem segurança significa a presença de indivíduos sem perspectiva, desiludidos com a possibilidade de mudança.
- 3) A educação é o primeiro estágio para o indivíduo se socializar.
- 4) A preservação do meio ambiente oferece meios básicos para a melhoria dos problemas da população.
- 5) A região Nordeste tem importância substancial, por englobar mais Estados em suas fronteiras do que as outras regiões.
- 6) A defesa do trabalho aponta para duas direções: abranger a todos e de ser o mais

diversificado.

7) Por sua maioria, a população pobre é vista como o principal representante da nação brasileira.

8) O fazer humano é principal responsável pelo desequilíbrio ambiental no país.

Os conflitos descobertos na análise discursiva permitiram estabelecer a oposição semântica global. A nação, na perspectiva do enunciador, apresenta a tensão dialética entre a *prosperidade* x *privação*, um termo significando as realizações no futuro e o outro representando o tempo presente, momento de disjunção dos valores almejados. *Melhoria* constituiu-se a partir da implicação de *prosperidade* e *não-privação* e da implicação entre *privação* e *não-prosperidade* resulta o termo meta termo *sofrimento*.



Referências:

AB'SABER, Aziz Nacib. **Sertões e sertanejos: uma geografia humana sofrida**. Estud. av., São Paulo. v. 13, n. 36, p. 7-59, Aug. 1999. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010340141999000200002&lng=en&nrm=iso>. access on 16 Out 2015.

BANDEIRA, L. M.; SORIA BATISTA, Analía. **Preconceito e discriminação**. Revista Estudos Feministas (UFSC. Impresso), Florianópolis, v. 10, n.1, p. 119-141, 2002.

BATISTA, M.F.B.M. **O percurso temático-figurativo do romance oral o Conde Alarcos**. Acta Semiotica et Linguistica, v. 16, p. 39-61, 2011.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. Tradução Sandra Regina Netz. 4. ed. Porto Alegre: Artmed 2005.

GREIMAS, A. J. **Du sens II : essais sémiotiques**. Paris, Seuil: 1983.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. **Dicionário de semiótica**. São Paulo: Contexto, 2011.

LAZZARESCHI, Noêmia. **Sociologia do Trabalho**. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2009.

FERREIRA, Minervina; PASSIRA, Mocinha de. **Mulheres no repente**. São Paulo: UMES, 1999.

RASTIER. Semiótica da transmissão. In: BATISTA, M.F.B.M. & RASTIER, François (org.). **Semiótica e cultura: dos discursos aos universos construídos**. João Pessoa: Editora Universitária, 2015.